

# LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos - A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória N° 3168



## Aniversariantes do Mês Novembro

04/11 - Hermes Borges Machado  
05/11 - Larri Antônio Carlesso  
07/11 - Matheus Ganzer  
08/11 - Felipe de Mattos Alves  
18/11 - Ádson S. De Oliveira  
19/11 - Gabriel A. Besteiro da Silva  
19/11 - Mário Luiz Benetti Junior  
28/11 - Renato Celli

## Programação Mensal

06/11- Sessão Ordinária de A.: M.:  
13/11 - Sessão Ordinária de M.: M.:  
20/11- Sessão Ordinária de A.:M.:  
27/11 - Sessão Magna de Elevação



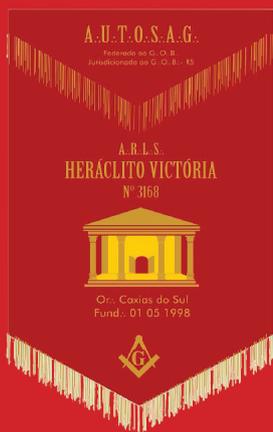
Sessão Magna de Iniciação dos Ilr.:. Quildare Luchese de Abreu e Arthur Perotoni Mari

## COLUNA DO VENERÁVEL MESTRE

Saúdo aqui todos os nossos irmãos que buscam ampliar o seu conhecimento, não só ritualístico, mas principalmente, histórico e filosófico de nossa Ordem. Nesta terceira edição fomos brindados com 03 peças de arquitetura, as quais trazem temas que muitas vezes se passam despercebidos pelos maçons brasileiros. O primeiro deles traz o título "A Maçonaria Está Viva!", obra do irmão Gabriel Augusto Besteiro da Silva. Nesta obra Gabriel apresenta a realidade da Maçonaria na Hungria, mostrando todas as dificuldades vividas ao longo do tempo, bem como o pequeno e seletivo número de membros que a Ordem possui atualmente naquele país. O segundo trabalho nos faz refletir sobre a Fraternidade. O irmão Cainan Sardelic explana sobre o caminho individual que trilhamos desde nossa Iniciação, passando pela importância de aprendermos a exercer a tolerância sem perder a firmeza, finalizando com sua visão sobre as atividades que podem ser realizadas através da sua Loja. Por fim, o irmão Larri Antônio Carlesso nos faz meditar sobre a eficiência e força que a Cadeia de União proporciona, não só àqueles que participam, mas principalmente para aquelas pessoas que tem seus nomes lembrados para receber a energia da egrégora que é formada. A Câmara de Estudos Maçônicos segue buscando ampliar a cultura maçônica de todos os nossos irmãos, oportunizando que cada um contribua com os seus estudos e conhecimentos, cada vez mais lapidando as suas pedras brutas individuais, em prol do coletivo.

Um Fraternal Abraço a todos!

Diego Monteiro  
Venerável Mestre



A.:R.:L.:S.:  
HERÁCLITO VICTÓRIA N°3168

RITO BRASILEIRO  
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385  
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

# A MAÇONARIA ESTÁ VIVA!

IR.: GABRIEL AUGUSTO BESTEIRO DA SILVA

A história da Ordem na Hungria é complexa, cheia de revezes e como era de se esperar, se confunde com os grandes avanços do país. O povo húngaro descreve a si mesmo como um país que “sempre escolhe o lado errado” nos grandes conflitos ou eventos políticos da Europa e os revezes políticos do país contribuíram com a distorção da reputação da Maçonaria Húngara. Apesar disso, muitos nomes importantes para a política, cultura e sociedade foram grandes maçons. Hoje a comunidade maçônica na Hungria vive um hiato entre o que se pode chamar de “Idade das Trevas da Maçonaria Húngara” e um novo avivamento junto à nação.

## Um pouco de história

A Hungria, ou Magyarország (literalmente “nação dos Magyar”), é uma nação muito antiga. A história registrada do povo Magyar começa em 1001, mas mesmo antes disso, quando ainda eram nômades, já havia uma identificação étnica e cultural que os unia. A fundação do Reino da Hungria por Estevão I marca o início da história dessa nação, que há mais de 1000 anos preserva suas origens étnicas, culturais e históricas. O povo Magyar se estabeleceu na Bacia e no Arco dos Cárpatos, onde permanece até hoje. Entre 1001 e 1918, o país sofreu diversas invasões e conflitos, mas manteve o controle da região até o tratado de Trianon. A primeira Loja maçônica húngara é documentada em Brasso, Transilvânia, em 1749.



*Brasão do Grande Oriente Húngaro*

Pouco se sabe sobre essa Loja, mas os documentos mostram que as características culturais do “Rito Húngaro” eram fiéis às Lojas dessa época. Nesse período, a maioria das Lojas eram de militares, com a principal operando em Buda e Pest por volta de 1775. As Lojas húngaras concentraram-se perto da fronteira com a Áustria e se uniram às oficinas austríacas sob uma Grande Loja Provincial até 1786. Em 1795, o imperador húngaro suprimiu as práticas maçônicas, e as Lojas foram desativadas. Em 1864, ainda com a maçonaria sendo ilegal no Império, foi fundada a Loja São Estevão em Budapeste. Essa Loja, assim como outras sete formadas devido ao enfraquecimento das políticas contra as práticas maçônicas, era vinculada à Grande Loja Zur Sonne de Bayreuth, na Alemanha. Em 1867, a Hungria tornou-se um reino separado, e a ordem foi formalmente restabelecida em 1870 com a formação da Grande Loja Nacional (também chamada de Grande Loja de São João). Em 1872, um Grande Oriente foi estabelecido, vinculado ao Grande Oriente da França. Em 1886, as duas potências maçônicas se uniram para formar a Grande Loja Simbólica da Hungria (GLSH), que contava com 26 Lojas ativas.

Ao final da Primeira Guerra Mundial, a GLSH tinha 32 Lojas e mais de 10 mil membros ativos, sendo amplamente reconhecida na Europa. Entretanto, em 1920, por um decreto nacional, a GLSH foi dissolvida. Após a Segunda Guerra Mundial, restavam menos de 300 maçons no país. Em 1946, a Grande Loja foi restabelecida, atingindo rapidamente 1500 membros até 1950. Em 12 de junho de 1950, a polícia secreta comunista (ÁVH), sob a autoridade de Mátyás Rákosi, confiscou o prédio da GLSH em Budapeste, e a ordem foi novamente dissolvida. Um fundo de ajuda maçônico foi estabelecido pelas Grandes Lojas da Alemanha e Áustria, ajudando diversos irmãos refugiados a fundarem Lojas no Canadá, EUA, Brasil, França e Áustria.

## Restabelecimento da GLSH e dias atuais

Com a queda do regime comunista em 1989, 4 Lojas Húngaras que estavam operando em Viena foram transferidas para Budapeste. No dia 27 de Dezembro de 1989, fora reconsagrada a Grande Loja Simbólica da Hungria, que foi reconhecida pela GLUE em setembro de 1990. Atualmente conta com aproximadamente 400 membros ativos. Após 1990, a maçonaria húngara caminhou com passos modestos, mantendo uma média de 400 membros ativos até 2023. A mentalidade das lideranças maçônicas é visivelmente abalada pelo histórico de perseguições no país. Com o total desaparecimento da Ordem na sociedade húngara entre 1950 e 1990 a população em geral pouco sabe sobre a existência da Maçonaria e as poucas informações que circulam na mídia são teorias, rumores e impropérios. De modo geral, quando se fala sobre maçonaria, ou se fala sobre algo do passado, que não existe mais, ou se fala sobre forças ocultas que são “um perigo para a sociedade”, como escrito pelo primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán em 2023. Mas a verdade é que a maçonaria húngara nos dias atuais é viva e cada vez mais organizada. As mais de 20 Lojas contam com diversos perfis de irmãos, com membros mais jovens e influentes sendo iniciados nos últimos anos. Com o restabelecimento da GLSH em 1990, o Grande Oriente da Hungria foi fundado com o apoio do Grande Oriente Francês. Não há reconhecimento mútuo entre as duas potências maçônicas atuais e ambas seguem seus trabalhos de forma independente. O GOH, desde 2022 segue as diretrizes do Grande Oriente Francês e permite a associação de Lojas masculinas, mistas e femininas. Não consta nenhum documento de reconhecimento da GLUE ao GOH.

## Grandes nomes na história e a “Nova Maçonaria Húngara”

As lideranças mais antigas estão passando o bastão para mentes mais jovens e desejosas de mudança e expansão. As Lojas da GLSH atualmente focam seus esforços em agregar membros valiosos e virtuosos às suas colunas com fortes políticas de sindicância e a elaboração de planos de estudo para os recém-iniciados. Realizando um intenso trabalho de pesquisa histórica e uma análise da sociedade atual, um grupo organizado de maçons se prepara para “abrir” a maçonaria para a sociedade através de documentos, informativos e comunicados que expliquem o que é a maçonaria e falem sobre a ligação maçônica dos grandes nomes históricos da Hungria, como Ferenc Deák, Ignác Martinovics, Lajos Kossuth, Ferenc Liszt e Ferenc Széchenyi.

## “Eu crio meus alunos para serem maçons”

Em junho de 2024, o Grão-Mestre do Grande Oriente Húngaro concedeu uma entrevista ao site Qubit+ na qual respondeu diversas perguntas relacionadas à Maçonaria e fez algumas afirmações que causaram repercussão mista. Alguns veículos de imprensa iniciaram um movimento de ataque às instituições maçônicas, enquanto outros, mais intelectuais, começaram a publicar artigos relacionados à história com o intuito de esclarecer e desmistificar a imagem que a população húngara em geral tem da Maçonaria. O movimento iniciado por László Réti é irreversível. Agora, oficialmente, a Maçonaria está “viva” na Hungria. Após muitos anos, os maçons húngaros estão ao alcance dos olhos da sociedade e, inevitavelmente, serão postos à prova. Aproxima-se um novo momento para a Maçonaria húngara. Seja uma nova perseguição ou uma expansão inevitável, há espaço e necessidade de uma maçonaria forte e ativa na sociedade húngara. Grandes autores, políticos e cientistas do país foram maçons e enfrentaram todas as adversidades que a nação lhes impôs. Agora, nossos irmãos contemporâneos seguem determinados a manter a Maçonaria húngara cada vez mais viva.



*Grão-Mestre do Grande Oriente Húngaro Réti László*

# FRATERNIDADE NA MAÇONARIA: O CAMINHO INDIVIDUAL À IRMANDADE

IR.: CAINAN SARDELIC

Ao entrar na Maçonaria, um mundo novo se abre. Nesse universo de rituais, símbolos e ensinamentos, um conceito se destaca em cada lição: a fraternidade. O ideal de fraternidade é o coração da Maçonaria; é o elo que liga cada um de nós, independente de nossa história ou de nossos caminhos. Ele transforma o sentimento de união em algo realmente profundo, em um compromisso de irmandade que exige, de forma intensa, tanto a tolerância quanto a firmeza.

Minha Loja, com pouco mais de 70 irmãos, é como uma pequena comunidade onde a fraternidade é vivida e sentida todos os dias. Cada encontro, cada palavra e cada gesto reflete esse princípio, que não é apenas um ideal, mas uma prática constante. Para nós, ser fraterno é estar presente de verdade, com compreensão e paciência, mas também com a coragem de sermos firmes nos valores que guiam a nossa Ordem. Este trabalho é uma reflexão sobre como esse conceito de fraternidade tem moldado meu percurso maçônico e meu próprio entendimento de vida. Ao me tornar um aprendiz maçom, descobri que a fraternidade não é apenas algo que lemos nos livros ou ouvimos nas sessões. Ela está na prática cotidiana, nas pequenas interações, no apoio mútuo e nas correções que fazemos uns para os outros. A partir do momento em que fui aceito na Loja, percebi que ser fraterno significa enxergar no outro um irmão – alguém com quem divido responsabilidades e objetivos, alguém com quem compartilho o desejo de evoluir.

Na Loja, chamamos uns aos outros de “irmãos” porque, de fato, o somos. Quando um de nós passa por dificuldades, os demais se colocam ao seu lado, oferecendo conselhos, ajuda e, muitas vezes, apenas uma presença silenciosa, que é igualmente valiosa. A fraternidade se mostra nesses momentos de apoio, mas também nos momentos em que é necessário lembrar uns aos outros dos compromissos que assumimos. Não existe fraternidade real sem o compromisso de corrigir e de apontar o caminho, com respeito e firmeza, sempre que necessário.

Logo percebi que a fraternidade não se sustenta sem um equilíbrio entre a tolerância e a firmeza. Tolerância, no contexto maçônico, significa aceitar a diversidade de pensamentos, de experiências e de interpretações que cada um de nós traz. É saber que os outros têm visões diferentes e acolher essas diferenças com respeito e compreensão. Nossas reuniões são espaços de troca onde todos aprendemos a ouvir mais do que a falar, a entender mais do que a julgar. Contudo, a fraternidade exige algo além da tolerância. Como aprendiz, compreendi que a verdadeira fraternidade maçônica também requer uma firmeza ética. Não é apenas sobre apoiar; é sobre manter a todos nós dentro dos princípios que regem nossa Ordem.

Somos incentivados a lembrar uns aos outros do propósito maior que nos une, e isso, muitas vezes, implica ter a coragem de ser firme quando algum irmão parece se afastar do caminho traçado pelos preceitos maçônicos. A fraternidade se torna, assim, um equilíbrio entre acolher e corrigir, entre compreender e guiar. Ser fraterno na Maçonaria, especialmente como aprendiz, significa estar disposto a ser transformado pela convivência com os irmãos. Na Loja, cada um de nós é chamado a buscar o autoconhecimento e a lapidar seu caráter. Tenho aprendido que, para ser verdadeiramente fraterno, é preciso desenvolver a humildade para aceitar os conselhos dos mais experientes e a sensatez para oferecer apoio aos que estão começando sua jornada. Nesses encontros semanais, a fraternidade se torna um exercício constante de autossuperação. Cada conversa, cada lição que recebo me incentiva a ser mais justo, mais compassivo e mais íntegro. Na prática maçônica, a fraternidade é um convite para que cada um de nós cresça e, ao mesmo tempo, ajude os outros a crescerem. Assim, ela se torna um caminho de desenvolvimento pessoal e coletivo.

Com o tempo, descobri que a fraternidade maçônica não se limita aos irmãos da minha Loja. Em nosso convívio, somos orientados a levar o espírito fraterno para fora, para nossa família, nosso trabalho e nossa comunidade. Esse comprometimento não se restringe ao grupo de maçons; ele se expande para o mundo, em um desejo de ser útil, de promover a paz e de praticar a justiça onde quer que estejamos.

É comum nos engajarmos em projetos sociais e em ações que visem ao bem comum. Para mim, a fraternidade também significa contribuir com a sociedade, sendo um exemplo de serviço ao próximo. Ao participar de iniciativas que visam reduzir e ou amenizar as desigualdades e apoiar quem mais precisa, sinto que estamos cumprindo com o nosso dever fraterno de cuidar do outro, dentro e fora da Loja.

## Conclusão

A fraternidade maçônica é, para mim, um dos aprendizados mais preciosos que a Ordem me oferece. Ela não é apenas uma ideia bonita; é uma prática diária. Ser fraterno é estar presente para os outros, apoiar e aconselhar, mas também corrigir e ser corrigido quando necessário, sempre com respeito e humildade.

# CADEIA DE UNIÃO

IR.: LARRI ANTONIO CARLESSO

Se deciframos o termo, vamos ter a nítida ideia de redundância, pois cadeia vem de cadeado e união significa estar juntos, estar unido, unir-se de um extremo a outro. Estar em união é “fechar” num mesmo compasso energético, estar unido é estar junto, ou seja: numa mesma cadeia de energias, pensamentos, ideias, sintonias, etc... Nos santuários do antigo Egito, onde eram ensinados os pequenos e os grandes mistérios, os sacerdotes fechavam o Círculo Misterioso, ou Mágico, destinado a proteção a todos os novos integrantes.

Na Grécia, os pitagóricos também assim procediam, a fim de preservar os iniciados. Assim como no Egito e na Grécia, este emblema da solidariedade - CADEIA DE UNIÃO- passou a ser empregado pela Maçonaria, pelas mesmas razões: dotara o neófito de força espiritual: A palavra semestral, transmitida pelo Venerável Mestre, estando todos em postura de silêncio e concentração, pois neste momento nosso mental, vibra num único compasso, numa única sinfonia, cujo maestro é o Venerável Mestre!

Esse ato é suficiente, não necessitando de outros meios de comunicação, pois a palavra que nasce na voz baixa do venerável, é transmitida de ouvido a ouvido, até retornar a sua origem, sendo então confirmada sua veracidade! Este ato ritualístico, tem como objetivo a transmissão da palavra semestral, mas esse não é o único objetivo da cadeia de união. Essa pode ser solicitada pelo Venerável Mestre ou por outros membros da loja, sempre que for necessário ou tiver alguma demanda, seja de ordem física ou espiritual.

O calor humano sentido e transmitido através do círculo misterioso, após uma jornada de trabalho litúrgico-ritualístico dedicado a glória do Supremo Arquiteto do Universo, é fortalecedor dos sentimentos de Amor Fraternal. Uma cadeia de união bem-feita em que cada irmão se conscientize da responsabilidade ali empenhada, constitui-se no verdadeiro elo de união, cuja manifestação de fé conjunta, irá inundar todos os corações, com eflúvios de saúde, força e união. No momento em que elevamos nosso pensamento ao SADU, cada um com seu intencional, cada um com seu pensamento, cada um com seu mental direcionado para o seu propósito, mas que nesse momento, num ato mágico que só a irmandade consegue, será um único pensamento, uma única busca, um único objetivo. Mão sobre mão, ombro com ombro, pés alinhados, foco no ritual e disciplina de irmão.

O Venerável nos mostra o Sol, o Altar do Perfumes exala o equilíbrio energético, o Mestre de Harmonia equilibra o ambiente e todos uníssonos ao que buscamos em loja, clamam: Saúde, força e união por 3x3. Que assim seja, que assim seja, que assim seja!

**C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA**  
Presidente da Comissão  
Ir.: Cristian Rizzardi

## Membros

Ir.: Daniel Sozo  
Ir.: Eduardo Augusto Rocha  
Ir.: Alexandre de Lavra Pinto  
Ir.: Júlio César Zambiasi  
Ir.: Vinicius Bernardi

Expediente:  
Redação - Cristian Rizzardi  
Diagramação - Júlio César Zambiasi  
Logotipo - Gabriel Besteiro